

# *A revista Literatura:*

*entre autonomia e engajamento  
intelectual (1946-1948)*



Astrojildo Pereira, Manuel Bandeira, Orígenes Lessa e Graciliano Ramos (em sentido horário, de alto a baixo).

*Ana Amelia M. C. de Melo*

Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coorganizadora do livro *Aproximações: cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013. [anamelia@gmail.com](mailto:anamelia@gmail.com)

## A revista *Literatura*: entre autonomia e engajamento intelectual (1946-1948)

The *Literatura* magazine: between autonomy and intellectual engagement (1946-1948)

Ana Amelia M. C. de Melo

### RESUMO

O propósito deste artigo é analisar a revista *Literatura*, que circulou no Rio de Janeiro de setembro de 1946 a outubro de 1948. Dirigida por Astrojildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista no Brasil, a publicação apresentava uma proposta militante num momento político marcado pelo processo de redemocratização. Busco neste estudo identificar os objetivos e as principais características de *Literatura* e apontar as diferenças e matizes que permitem ter um entendimento das relações entre cultura e política por meio de uma revista que pretendia dedicar-se ao estudo da literatura nacional e estrangeira, mas que não deixava de assumir posições políticas abertas.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura; intelectuais comunistas; ABDE.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the *Literatura* magazine, that circulated in Rio de Janeiro from September 1946 to October 1948. Directed by Astrojildo Pereira, one of the founders of the Communist Party in Brazil, the publication featured an activist proposal when democratization was under way. In this paper, I seek to identify the objectives and main characteristics of *Literatura* and point out the differences and nuances that allow to understand the relation between culture and politics through a magazine aimed at studying national and foreign literature but that was not shy of taking open political positions.

**KEYWORDS:** Literature; intellectual communist; ABDE.



A revista *Literatura* foi criada em setembro de 1946, no Rio de Janeiro. Dirigida por Astrojildo Pereira, tinha no conselho de redação nomes como Álvaro Moreira, Aníbal Machado, Arthur Ramos, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira e Orígenes Lessa, além do secretário Jorge Medauar e do gerente Antonio Ferreira da Silva. Esse grupo de intelectuais permaneceu o mesmo até a última edição da revista, em outubro de 1948. Em seus dois anos de existência, *Literatura* não conseguiu manter a periodicidade mensal, tendo lançado somente dez números. No entanto, mesmo com todas as dificuldades, conseguiu revelar as perspectivas literárias e a atuação de um grupo de intelectuais que, de forma alguma, eram iniciantes. Procuo aqui examinar essa publicação, identificando seus colaboradores mais próximos, seus objetivos e características. Busco perceber as posições que a revista assume durante o significativo período de tensa e controlada redemocratização<sup>1</sup> em que surge e circula, a fim de entender o sentido de sua militância.

*Literatura* é poucas vezes mencionada nas investigações sobre revistas e jornais da década de 1940 ou mesmo nas pesquisas sobre os intelectuais do período. Antônio Rubim, em seu estudo sobre os intelectuais do Partido Comunista, refere-se a ela como uma publicação ligada ao Partido, porém que recebia pouca atenção por tratar-se de interesses de Astrojildo Pereira.<sup>2</sup> Identificação semelhante é realizada no estudo de Palamartchuk, ao apresentar *Literatura* como um projeto de Astrojildo após consulta ao Comitê Central. No entanto, para essa autora, a revista visava a aglutinar um grupo mais amplo de intelectuais não apenas ligados ao partido. A constituição do conselho editorial refletia essa perspectiva.<sup>3</sup>

Importante trabalho sobre *Literatura* é apresentado por Raul Antelo, que dedica a ela um capítulo de seu livro *Literatura em revista*.<sup>4</sup> Antelo também situa a publicação numa estratégia ampla do PCB, mas acentua que, ao ser conduzida por Astrojildo Pereira, este procurou imprimir uma direção menos ortodoxa onde fosse possível um diálogo que ultrapassasse as fronteiras do PCB. Segundo Antelo, entre o primeiro e o quinto número, “o mútuo namoro entre UDN e PCB” se tornou patente na revista.<sup>5</sup>

Outras pesquisas apontam ainda para a descontinuidade do grupo mais amplo reafirmando uma “política de gueto” que a guerra fria estimulava.<sup>6</sup> Precisamente nesse clima de tensão e perseguição aos comunistas a partir de 1947, seria identificado o marco inicial de divulgação do realismo socialista.<sup>7</sup> Como nos fala Moraes, a partir de 1945, logo após o fim do Estado Novo, respirou-se um clima de diálogo e euforia democrática, que permitiu a publicações como *Literatura* contar com diversos colaboradores apresentando um perfil engajado, mas não necessariamente da militância comunista.<sup>8</sup>

Identificar a natureza dessa revista e sua importância no âmbito da produção da época, parece ser objetivo fácil se nos limitamos a enxergar a publicação como simples órgão direto do PCB. Procuo aqui examinar mais detidamente os significados dessas vinculações políticas. É possível observar nuances que contradizem uma perspectiva de unidade seja na revista *Literatura* seja no interior do PCB. Já de início, uma questão salta à vista: havia realmente desinteresse do PCB por *Literatura*? Ou a publicação pretendia ocupar um espaço de maior autonomia com relação às diretrizes partidárias?

*Literatura*, não obstante as elucidativas pesquisas aqui mencionadas, é uma publicação que recebeu pouca atenção dos historiadores. No entanto não passam despercebidos os autores que assinam seus artigos quase sempre escritores aclamados pela crítica desses anos. Nesse sentido, sua análise pode nos ajudar a ter uma melhor compreensão desse período da história do país. De fato, é possível recordar as indicações apontadas por Thompson em *A formação da classe operária* sobre as lutas pela imprensa e o papel dos jornais radicais nos embates políticos da Inglaterra do XIX.<sup>9</sup> No Brasil dos anos 1940, a existência de diversos e efêmeros jornais no cenário de disputas políticas e culturais merece uma análise que redimensione o papel de cada um deles.

## A revista

*Literatura* era uma revista com aproximadamente oitenta páginas composta de artigos sem ilustrações. Na capa, vinha o título em letras garrafais centralizado. Logo abaixo, à esquerda e em letras menores, aparecia a

<sup>1</sup> A expressão “democratização controlada” é usada por Gabriel Cohn e citada por BENEVIDES, Maria Vitória M. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 52.

<sup>2</sup> Cf. RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. In: MORAES, João Quartim de (org.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, v. 3, p. 320.

<sup>3</sup> Cf. PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Os novos bárbaros: escritores comunistas no Brasil (1928-1948)*. Tese (Doutorado em História) – IFCH-Unicamp, Campinas, 2003, p. 315.

<sup>4</sup> ANTELO, Raul. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, p. 239.

<sup>6</sup> Ver BARBOSA, Julia M. Barbosa. *Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB*. Tese (Doutorado em História) – UFF-Niterói, 2010.

<sup>7</sup> Ver ARAÚJO, Mônica S. *A arte do partido para o povo: o realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PCB (1945-1958)*. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH-UFRJ, Rio de Janeiro, 2002, p. 121.

<sup>8</sup> Cf. MORAES, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 138.

<sup>9</sup> Ver THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*, v. III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 303-441.

<sup>10</sup> Esta associação foi criada em 1942, no Rio de Janeiro. Entre suas principais reivindicações, estava a regulamentação do pagamento dos direitos autorais. Em 1945, organiza o I Congresso em São Paulo, no qual é elaborada uma declaração dos escritores e intelectuais aí reunidos, reclamando o urgente retorno do país à democracia. Sobre a ABDE, ver MELO, Ana Amélia M. C. de. Associação Brasileira de Escritores: dinâmica de uma disputa. *Varia Historia*, v. 27, n. 46, Belo Horizonte, 2011.

<sup>11</sup> Contabilizei cinquenta e três nomes que publicaram pelo menos uma vez em *Literatura*. Desses apenas Werneck de Castro, Valdemar Cavalcanti, Manuel Bandeira, Edson Carneiro, Jorge Medauar, Álvaro Moreyra, Lúcia Miguel Pereira, Astrojildo Pereira, Jorge Amado e Floriano Gonçalves publicam mais de uma vez.

cidade de sua publicação, ou seja, Rio de Janeiro e do lado oposto a datação do número, com o mês e ano. Logo abaixo, como sumário centralizado, estavam listadas as seções com os respectivos artigos. No final da capa, em cada extremidade, estava à esquerda o ano e à direita o número. Por sua vez, na contracapa, vinham informações sobre a equipe de redação, diretor, os valores das assinaturas, endereço, além de uma pequena nota informando sobre o pagamento de direitos autorais aos colaboradores. Na contracapa, também eram feitos anúncios de outras publicações. Predominava propaganda de livros, editoras e revistas, especialmente autores do pensamento marxista como livros de Lenin, Marx, Engels e Stalin. Além desses, anunciavam com frequência os lançamentos de literatura brasileira e internacional. Ao lado de chamadas de coleções como de obras de Balzac, eram apresentadas propagandas de pasta de dentes, seguradoras, sabão, corretoras de imóveis etc. Desde o primeiro número, foram publicados anúncios de editoras como Vitória, Horizontes e Globo. Os livros eram de filosofia, coleções de clássicos da literatura brasileira e universal da editora Globo; e revistas e jornais como *Revista do Povo*, *Problemas*, *Psyke* e o jornal *A Manhã*, de Aparício Torelly. Também era comum que o anúncio apresentasse uma listagem de títulos com preço e local de vendas.

No conteúdo da contracapa inicial, como já indicado, aparecia informação de pagamento de direitos autorais. A nota afirmava que os direitos autorais eram pagos na tesouraria da Associação Brasileira de Escritores (ABDE).<sup>10</sup> Da ABDE, faziam parte todos os membros que compõem o conselho editorial de *Literatura*. A revista funcionava no sétimo andar do Edifício Regência, localizado na Rua Alcindo Guanabara n. 17, no Centro do Rio.

Além do conselho editorial, do diretor, secretário e gerente, a revista teve uma lista de colaboradores nada desprezível. Nela encontravam nomes conhecidos como de Carlos Drummond de Andrade, Octávio Tarquínio de Sousa, Aparício Torelly, Lúcia Miguel Pereira, Francisco de Assis Barbosa, Jorge Amado, Moacyr Werneck de Castro e outros atualmente menos conhecidos. Algumas contribuições eram mais frequentes.<sup>11</sup>

Em termos formais, ela sofreu poucas alterações ao longo dos dois anos. Na capa, apareciam as seções seguindo a lista dos autores e título dos artigos. Desde o primeiro número a revista exibiu os artigos iniciais sem agrupá-los em uma seção específica. Eram textos que não obedeciam a uma ordem temática determinada. Tratavam de literatura brasileira e estrangeira. Também eram publicados discursos e saudações emitidas nos Congressos da ABDE. Essa primeira parte era seguida das seções “Vozes do mundo”, “Crônicas”, “Revistas das revistas”, “Documentos e notícias”. O formato alterou-se no número três, quando a seção “Crônicas” cede lugar para “Os dias e as obras”. Mantiveram-se “Documentos e notícias”. O mesmo feitiço permaneceu até o último número, que apresentou uma ligeira mudança depois da seção “Vozes do mundo”. Nesse número dez, surgiu uma seção intitulada “Debates de literatura”.

A descrição acima, ainda que possa parecer um pouco enfadonha, é necessária para que possamos acompanhar as transformações e compreender seu significado numa publicação que não consegue seguir além dos dez números mencionados. A revista sofreu constantemente atrasos como previu seu editor desde seu primeiro número. Alertando os leitores, afirmou:

*Bem sabemos como é difícil organizar e manter uma revista deste tipo e com estes*



*propósitos, e somos os primeiros a prever que não poucas dificuldades se apresentarão à nossa frente. Esperamos vencê-la gradativamente, com alguma pertinácia própria e sobretudo com a ajuda vigilante dos nossos amigos. Deficiências e debilidades – que o leitor facilmente verificará – serão assim superadas, com o correr do tempo, de sorte a podermos melhorá-la de mês a mês, imprimindo-lhe maior eficácia e utilidade.<sup>12</sup>*

A declaração demonstrava algum conhecimento e experiência com as dificuldades de uma publicação. A grande maioria dos escritores desse projeto e dos seus colaboradores atuava em outros jornais e revistas do período e sabia que os problemas não eram apenas financeiros, mas também políticos. Apesar da promessa de redemocratização, o governo Dutra mantinha a censura e controle como uma ameaça constante.

Nos primeiros dois números, a publicação obedece à periodicidade mensal proposta. A partir do terceiro, iniciam-se os atrasos que vão até o número final. Em todo o ano de 1947, apenas três números são impressos, e, no ano seguinte, a publicação também terá apenas quatro números disponíveis.

### Escritores militantes

Foi dessa forma, como militantes, que a revista *Literatura* referiu-se aos escritores que faziam parte desse projeto editorial. O propósito da revista, como mencionava na apresentação, em seu número inaugural, era o de “servir à cultura brasileira”, discutir “literatura no seu sentido autêntico, ativo e militante”. Inicialmente é preciso ter cuidado com o significado dessa afirmação. Militante não aparece aí no sentido de um partido político, mas especialmente com o sentido de uma literatura engajada e atenta à realidade nacional. Ainda que, para o caso dessa revista, o tema da militância partidária pudesse ser determinante, esse não parece ser o sentido dessas palavras. O significado aponta muito mais para o que Antônio Cândido destaca como uma ideologização que polariza a literatura e a cultura.<sup>13</sup> Como diz Cândido, se no modernismo de 1920 a literatura contestou o purismo gramatical, em 1930, o caminho foi o da normalização. A literatura abriu-se, desde então, para a investigação da linguagem e dos temas fincados nas diversas realidades do país. Nesse momento, a “realidade brasileira” transformou-se em objeto da literatura e num conceito chave que articulava uma preocupação com os problemas sociais do país, que, se tinha um desenho difuso e impreciso, na revista *Literatura*, alcançava o sentido de uma orientação programática. O vocabulário repetiu-se em torno de “cultura brasileira”, “interesses do povo” assim como numa associação que se estabeleceu entre intelectuais e o povo. A militância, portanto, não necessariamente indicava um partido, mas a necessidade de engajamento como modo de acionamento do que era considerado a função do intelectual na sociedade brasileira.

O mesmo significado dessa militância estava contido no I Congresso Brasileiro de Escritores realizado em 1945, em São Paulo, pela ABDE. A noção de literatura e, por correspondência, de cultura, no contexto desses anos, ampliou-se e passou a ser usada com sentidos políticos. Há, nas palavras de Guilherme Mota, um adensamento da noção de cultura. A militância política não se reduziu à esfera político partidária, mas se tornou preocupação central dos intelectuais.<sup>14</sup>

A relação entre os intelectuais da ABDE e o grupo da revista *Literatura*



<sup>12</sup> *Literatura*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1946, p. 3.

<sup>13</sup> CÂNDIDO, Antônio. A Revolução de 1930 e a cultura. *Novos Estudos Cebrap*, v. 2, n. 4, São Paulo, 1984.

<sup>14</sup> MOTA, Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1978, p. 137.

<sup>15</sup> *Literatura*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1946, p. 3.

<sup>16</sup> Graciliano Ramos se filiará ao PCB em 18 de agosto de 1945. Ver MORAES, Dênis. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, p. 210.

<sup>17</sup> Em novembro de 1945, Álvaro Moreyra foi um dos candidatos a deputado pelo Partido Comunista no Rio Grande do Sul. Ver *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 14 nov. 1945, p. 1 e 2.

<sup>18</sup> Ver MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1999.

foi estreita. A publicação procurou reunir e, de alguma forma, representar as ideias centrais defendidas pela associação. Alguns indícios apontam para a existência de uma identidade do grupo: em primeiro lugar, os organizadores da revista eram membros da ABDE, especialmente Aníbal Machado e Astrojildo Pereira foram figuras centrais e muito ativas no I Congresso; além desse fato, na própria revista, a partir do número dois, aparecia, nas informações técnicas da contracapa, o aviso de que os direitos autorais dos colaboradores eram pagos na tesouraria da ABDE; e, para concluir, já no primeiro número, apareciam diversas menções às declarações realizadas no Congresso, bem como outras atividades realizadas pela ABDE.

Além desses indícios, é possível estabelecer vínculos especialmente pelo conteúdo e teor das ideias propostas na revista. Desdobravam-se em *Literatura* muitas das ideias levantadas nos debates da ABDE. Uma delas seria a própria noção de militância das letras. A Declaração do I Congresso da ABDE é reproduzida no primeiro número, na apresentação. O texto finaliza com a seguinte afirmação:

*Os escritores se compenetraram cada vez mais de que o problema da cultura é na realidade um problema político, e que não é possível assegurar os direitos da inteligência senão lutando intransigentemente pelas liberdades democráticas, nos termos estabelecidos pela Declaração de Princípios. E é claro que a consciência destas coisas se apresentará mais nítida e mais firme à medida que os escritores mais se aproximarem do povo, por sua vez, sintam que eles são realmente os seus escritores.*  
[...]

*Eis o que Literatura ambiciona acima de tudo: servir a este esforço de aproximação. Serviremos assim à cultura e ao povo.*<sup>15</sup>

A revista evocava, em vários momentos, a declaração de princípios, do I Congresso com o propósito de persistir na afirmativa da militância intelectual. Reproduziu também os discursos de Orígenes Lessa em Fortaleza quando de sua participação no I Congresso Cearense de Escritores organizado pela ABDE, seção Ceará. Traria ainda notícias da ABDE dos outros Congressos realizados nesse período como o do Ceará e o II Congresso realizado em Belo Horizonte. A esse evento, *Literatura* dedica um número especial. As atividades, pronunciamentos públicos, protestos e anúncios realizados pela ABDE eram permanentemente comunicados em seus diversos números.

O conselho de redação de *Literatura* era formado por um grupo de intelectuais que, no período, exerciam uma intensa atividade na vida cultural e literária do país. Graciliano Ramos, a esta altura, já tinha publicado suas obras mais importantes como *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938), além de ter sido preso quando em Maceió desempenhava a função de Diretor da Instrução Pública. Também nesse período, já se filiará ao Partido Comunista.<sup>16</sup> Da mesma forma, Álvaro Moreira em 1946 possuía uma sólida participação na vida cultural e política do país. Além de ter tido uma atuação no movimento modernista dos anos 1920, dirigiu diversos jornais e revistas como *Para Todos*, *Dom Casmurro*, *O Malho* e *Ilustração Brasileira*. Nesse momento, também era um dos escritores vinculados ao PCB,<sup>17</sup> apresentando-se como um dos intelectuais candidatos nas eleições parlamentares de 1945. Igualmente Aníbal Machado era um escritor e intelectual reconhecido, com uma forte atuação no mundo cultural do Rio de Janeiro. Desde os anos 1920, vinculou-se aos grupos intelectuais

vanguardistas ainda em Minas Gerais quando com Drummond liga-se ao grupo modernista do *Diário de Minas*. Sua estreia literária foi em 1944 com *Vila Feliz*.<sup>18</sup> Aníbal, junto com Álvaro Moreyra, em 1945, participam ativamente no I Congresso Brasileiro de Escritores. O primeiro como presidente do Diretório Central do Congresso, e o segundo como delegado do Distrito Federal. Álvaro Moreyra, por sua vez, entre 1937 e 1941, com alguns intervalos, atuou como redator-chefe do jornal *Dom Casmurro* do Rio de Janeiro.<sup>19</sup> Aníbal Machado também participou desse jornal literário como um dos seus colaboradores. Outro escritor importante nessa época e que comporia o seletivo grupo do Conselho de Redação era Manuel Bandeira. Em 1946 ele já possuía uma vasta produção poética e de crítica literária em diversos jornais.<sup>20</sup> Entre 1922 e 1930, havia publicado diversos poemas nas revistas vanguardistas de São Paulo e Rio. Orígenes Lessa, também escritor premiado em 1938, por seus contos e com uma constante atuação na imprensa, incluindo jornais do Partido Comunista como *Tribuna Popular*. Lessa era também um membro bastante influente na ABDE. Em 1946, esteve em Fortaleza participando como representante nacional, do I Congresso Cearense de Escritores.<sup>21</sup> Arthur Ramos (1903-1949) era dos membros do Conselho editorial o único intelectual da academia e que possuía uma posição destacada nos meios culturais entre os anos 1930 e 40. Também era atuante da ABDE, sendo membro do conselho fiscal, antes de sua morte em 1949.<sup>22</sup> Esse grupo de intelectuais era liderado por Astrojildo Pereira e atuavam na ABDE.

A situação de Astrojildo Pereira era bastante particular. Em 1930, fora afastado do PCB por discordâncias com o Comitê Central.<sup>23</sup> Astrojildo só retornaria ao PCB em 1945, porém não mais como membro do Comitê Central. Suas atividades estavam concentradas, nesse momento, no campo das letras. Astrojildo foi um dos escritores que criaram a ABDE, assinando o estatuto de sua criação em 1943 junto com Manuel Bandeira, Rubem Braga, Francisco de Assis Barbosa, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade entre outros. Além disso, forma parte do Primeiro Congresso da ABDE realizado em São Paulo em 1945. A organização da Revista *Literatura* está inserida nesse contexto.

Nos anos 1940, diversas revistas e jornais literários eram publicados no Rio de Janeiro e São Paulo. Em estudo recente, Tania de Luca faz um levantamento das revistas culturais fundadas entre 1916 e 1944.<sup>24</sup> Para o período da década de 1940, são identificadas as revistas *Cultura Política*, *Lanterna Verde*, *Diretrizes*, *Revista do Brasil*, *Dom Casmurro*, *Revista Acadêmica*. Entretanto, nesse curto intervalo dos anos 1946-48, apenas pode-se observar em sua tabela a circulação da *Revista Acadêmica* e *Dom Casmurro*. Ambas publicações literárias de fôlego e importância no debate cultural dos anos 1930-40. A primeira foi dirigida por Murilo Mendes e circulou entre 1933 e 1948. Em seu conselho diretor, trazia nomes notáveis escritores, entre eles alguns que também faziam parte da revista *Literatura*.<sup>25</sup> *Dom Casmurro* também foi uma publicação de relativa longevidade (1937-1946). Era dirigida por Brício de Abreu e, como a *Revista Acadêmica*, teve importantes escritores e intelectuais como colaboradores.<sup>26</sup>

## Entre literatura e política

O surgimento de *Literatura* nesse momento não deixa de ser revelador do clima político e cultural da época: o período entre 1946-48 é marcado

<sup>19</sup> Ver DE LUCA, Tânia. Brício de Abreu e o jornal literário *Dom Casmurro*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 29, n. 49, jan./abr. 2013.

<sup>20</sup> Segundo Luis Bueno, Manuel Bandeira era dos poucos escritores dessa geração que fazia críticas mais duras a uma literatura muitas vezes engajada porém com pouca qualidade literária. Ver BUENO, Luis. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp/Unicamp, 2006, p. 172.

<sup>21</sup> Ver *Anais do I congresso cearense de escritores*. Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 293.

<sup>22</sup> Ver *Boletim mensal da ABDE*, n. 3, dezembro de 1949.

<sup>23</sup> As divergências internas são apresentadas e discutidas por Astrojildo Pereira em "Discussão interna em 1928", "Notícia do III Congresso" e "Algumas observações e autocríticas". Este último texto escrito em 1954. Nesses estudos sobre o partido, Astrojildo aponta para as suas diferenças de opinião com respeito à posição tomada pelo Partido a partir do III Congresso e à distância do escritor da linha operária. Ver Pereira, Astrojildo. *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

<sup>24</sup> DE LUCA, Tania de. *Leituras, projetos e (re)visita (s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 69.

<sup>25</sup> O conselho tinha nomes como Mário de Andrade, Álvaro Moreyra, Aníbal Machado, Portinari, Arthur Ramos, José Lins do Rego, Santa Rosa, Rubem Braga, Jorge Amado, Sérgio Milliet, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, Érico Veríssimo, Tavares Bastos, Hermes Lima e Carlos Lacerda. Ver ANTELO, Raul, *op. cit.*, p.113.

<sup>26</sup> O grupo de redatores e colaboradores incluía nomes como Aníbal Machado, Artur Torres Filho, Mozart Lago, Manuel Bandeira, Santa Rosa, Afonso Arinos, Armando Fontes, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Murilo Mendes, Gilberto Amado, Gilberto Freyre, Gastão Cruel, Sérgio Buarque de Hollanda, entre outros. Ver De LUCA, Tânia. O jornal literário *Dom Casmurro*: nota de pesquisa. *História*, Rio Grande, v. 2, n. 3, 2011.



<sup>27</sup> CARONE, Edgar. *A quarta República (1945-1964)*. São Paulo: Difel, 1980, p. 11.

<sup>28</sup> A intolerância e repressão atingem muito especialmente a imprensa comunista assim como o movimento sindical. Ver OLIVEIRA, Luis Eduardo. Na "Tribuna Popular": a atuação sindical do PCB e o início da luta pelo abono de Natal no Rio de Janeiro (1945-1946). In: FERREIRA, Jorge (org.). *O Rio de Janeiro nos jornais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

<sup>29</sup> *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, Ano XVIII, 24 maio 1946.

<sup>30</sup> Pela frequente situação de perseguição e ilegalidade nos anos 1940, dispõe-se ainda de poucos dados precisos sobre a totalidade de jornais e revistas vinculados ao PCB. Um trabalho importante que procura dar conta desse vasto universo é de RUBIM, Antonio, *op. cit.*

<sup>31</sup> Ver PANDOLFI, Dulce. *Camarcadas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará 1995, p. 166.

<sup>32</sup> LUCA, Tania de, *op. cit.*, p. 125.

por um primeiro momento de euforia pela redemocratização de 1945. A partir de 1947, esse processo sofre severas restrições. Em 7 de maio de 1947, o Partido tem sua inscrição suspensa. Nesse ano, a revista consegue lançar apenas três números.

Em 1945, os partidos reorganizavam-se, inclusive o Partido Comunista, que fora legalizado com a decretação do novo Código eleitoral em 28 de maio de 1945. Durante os dois anos que se mantém na legalidade, o PCB alcançou expressividade eleitoral quando, na eleição de 2 de dezembro de 1945, obteve 600.000 votos elegendo 14 deputados e um senador na Assembleia Nacional Constituinte.<sup>27</sup> A cassação de seu registro em maio de 1947 bem como dos mandatos de seus deputados expressa um longo processo de tensões que marcam o governo Dutra.<sup>28</sup> Já no primeiro aniversário da legalização do partido, o clima de repressão e perseguição era patente. O aniversário pretendia ser comemorado com a realização de Comício no Largo da Carioca no Rio de Janeiro, porém este resultou na chacina noticiada pelos jornais. No *Diário da Noite*, a manchete sensacionalista anuncia: "Os comunistas e as cenas de terror".<sup>29</sup>

O PCB, além de possuir uma extensa e pouco comum rede de publicações, dispunha de um grupo de intelectuais simpatizantes que somavam na causa do Partido. Considerada a fase áurea de sua imprensa no Brasil, o Partido por meio da agência *Interpress* distribuía pelo país jornais e revistas que não descuidavam da seção cultural.<sup>30</sup>

Em setembro de 1946, quando *Literatuta* é lançada, a situação do PCB mostrava-se bastante frágil. Em março desse ano, o deputado do PTB Barreto Pinto pedia a cassação do partido. A ofensiva vinda do governo Dutra era permanente e atingia sobretudo as manifestações populares. O PCB, por sua vez, orientava seus correligionários para resistir pacificamente preservando a legalidade.<sup>31</sup> Já no primeiro número, *Literatura* noticiava o manifesto contra o fechamento do jornal *Tribuna Popular*. Nesse mesmo número, publicava carta ao Presidente da República emitida pela ABDE contra a prisão do escritor e membro do Conselho da revista Álvaro Moreyra e do advogado militante Adauto Lúcio Cardoso.

No cenário literário, havia sido realizado, no ano anterior, o I Congresso Nacional da Associação Brasileira de Escritores. Se bem que o evento tivesse forte caráter político, procurou legitimar-se e assegurar sua realização como evento cultural respaldado pela numerosa participação de renomados escritores e intelectuais. A Associação, assim como o evento, tinha importância no processo de profissionalização do escritor brasileiro. No campo literário, os escritores conhecidos como os romancistas de 1930 eram ainda presença marcante.

Por sua vez, as editoras vinham conhecendo um *boom* editorial estimulado pela guerra que, ao dificultar as importações de livros, permitiu que escritores nacionais e traduções realizadas no Brasil tivessem prioridade. As revistas literárias e culturais, apesar da dificuldade em manter-se e cumprir com a periodicidade a que se propunham, vão refletir essa dinâmica na medida em que aumenta o interesse das editoras pela divulgação de seus livros. Segundo Tânia de Luca, as revistas voltam-se para o leitor menos especializado, porém interessado por literatura e cultura além de representar, de alguma forma, uma intervenção no debate público.<sup>32</sup>

Na apresentação de *Literatura*, em seu primeiro número, definia-se claramente o sentido e o projeto literário. A posição desses intelectuais era de defender uma literatura militante. Em seus propósitos, opõem clara-





mente o significado de literatura como “passatempo, divertimento, jogo, esporte, luxo, bibelô bibliográfico”.<sup>33</sup> Propõem-se a “servir com amor à cultura brasileira” e “ao povo brasileiro”. As palavras iniciais da apresentação situam muito claramente o campo de atuação dos escritores e intelectuais que fazem parte da publicação.

A publicação de número dois enfatizava que as lutas políticas pela redemocratização tiveram a participação dos intelectuais em 1945 e que estes seguiam uma tradição no Brasil exemplificada na Inconfidência Mineira, na Independência, na Abolição, etc. essa luta deveria continuar a ser feita no campo da cultura. Nessa proposição, é defendida a eliminação da oposição entre trabalho manual e trabalho intelectual e, por consequência, a cultura não como privilégio, mas como bem comum.<sup>34</sup>

Podem-se identificar em *Literatura* dois propósitos bastante claros. Um primeiro, de ordem cultural, explícito em seu título, que era o de discutir literatura. Um segundo propósito era o de ser um órgão de militância intelectual. A hipótese do desinteresse do PCB colocada por Rubim<sup>35</sup> pode ser desenvolvida por outra perspectiva. Pode-se cogitar que o afastamento de Astrojildo do partido, suas divergências e o retorno via atuação na ABDE o levam a delinear uma revista que mantivesse uma posição mais autônoma. As discussões na ABDE, em 1945, realçam o papel do intelectual e a importância de seu ativismo, seguindo o exemplo dos intelectuais na Europa como na França, em 1932, a Association des Écrivains et Artistes Révolutionnaires (AEAR) ou na Espanha a Aliança de Intelectuais Antifascistas pela Defesa da Cultura em 1935.<sup>36</sup> A revista *Literatura* tinha inspiração nesses exemplos e, de fato, em diversas passagens, evoca a atuação dos intelectuais franceses e espanhóis.

Os propósitos da revista podem ser melhor cotejados se analisados a partir de duas abordagens: uma pelas notícias, notas de protesto e editoriais onde estão explícitos os princípios defendidos; outra pela análise dos artigos de literatura. Neste estudo me deterei apenas na primeira abordagem com o fim de fixar mais adequadamente o perfil declarado da militância.

### Editoriais, notas e notícias

Os editoriais possibilitam medir o tom e as preocupações políticas que cercam cada número da revista. As primeiras edições apresentam certo otimismo quanto ao clima político bastante celebrado. Será esse clima político que inspirará a revista, sua função no debate intelectual. É em torno dele que se organizam os dois primeiros editoriais. Os terceiro e quarto editoriais, correspondentes às edições seguintes, discorrem sobre os escritores Lima Barreto e Castro Alves e procuram cumprir as diretrizes estabelecidas desde o primeiro número. Tratam da apresentação do tema central dos números em questão, orientando o leitor. No editorial do número cinco, de julho-setembro de 1947, anunciavam-se os temas que seriam tratados no número seguinte. A pauta seriam os debates do II Congresso de escritores realizado em Belo Horizonte. No editorial, estava indicado, de modo veado, a reação e crítica à cassação do registro do Partido Comunista. Dizia o editorial numa referência clara às arbitrariedades do Governo Dutra: “O II Congresso reúne-se em circunstâncias políticas bem diversas: estamos, há justamente um ano, sob a vigência de uma Constituição democrática; mas a reação em desespero, açulada pela reação mundial, comete desatinos sobre desatinos, golpeando a Constituição e tentando reimplantar no



<sup>33</sup> *Literatura*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1946, p. 1.

<sup>34</sup> Ver *Literatura*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, 1946, p. 3.

<sup>35</sup> RUBIM, Antonio, *op. cit.*, p. 320.

<sup>36</sup> Ver ORY, Pascal e SIRINELLI, Jean-François. *Les intellectuels en France, de l'affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Armand Colin, 1986, p. 96. Também CERQUEIRA, João. Arte e literatura na Guerra Civil de Espanha. *Revista da Faculdade de Letras, Ciência e Técnicas do Patrimônio*, I Série, v. V e VII, Porto, 2006-2007.

<sup>37</sup> *Literatura*, Rio de Janeiro, ano II, n. 5, 1947, p. 1.

<sup>38</sup> A ABDE organiza desde 1943 almoços de confraternização, homenagens, exposições de artes e reuniões. Esses eventos eram anunciados em jornais como *A Manhã* dirigido por Cassiano Ricardo. Ver *A Manhã*, 20 jul. 1944. Disponível em <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 30 maio 2015.

<sup>39</sup> Ver PANDOLFI, Dulce, *op. cit.*, p. 172.

<sup>40</sup> Ver *A Manhã*, 28 dez. 1947. Disponível em <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 30 maio 2015.

país o regime do arbítrio, com a suspensão das liberdades democráticas”.<sup>37</sup>

A cassação do Partido Comunista tem consequências marcantes na organização e atuação dos intelectuais na ABDE assim como reverbera na revista *Literatura*. De fato, os dois editoriais seguintes mudam de tom. Tornando-se mais militantes, falam da defesa dos princípios propostos nas Declarações dos Congressos de 1945 e 1947. A situação de ilegalidade do partido dará maior relevo à sua atuação por meio de organizações culturais. Tanto no Congresso de Belo Horizonte quanto em *Literatura*, pode-se perceber uma tentativa enfática de atuar mais diretamente na ABDE e daí surgem muitas das tensões vividas na Associação.

Desde a criação da ABDE, duas posições disputavam hegemonia: uma que defendia a ênfase no caráter de associação profissional e outra sua atuação política. Essas posições tornam mais tensas as relações, especialmente em momentos de disputas políticas nacionais. A partir de 1947, o cenário que se vislumbra inviabilizaria, para a ABDE, uma posição de distanciamento político defendida por alguns. A tensão e conflito aprofundam-se. Com o PCB na ilegalidade, seus membros buscariam uma maior militância na ABDE uma vez que dela participavam diversos escritores que pertenciam ao partido, além de ser ela uma organização caracterizada por uma atuação importante no cenário da cultura nacional.<sup>38</sup> Em outubro desse ano, concretizou-se, em Belo Horizonte, o II Congresso dos escritores. Era o momento de dar maior ênfase à participação dos comunistas na associação. A questão fundamental, apresentada no congresso pelos escritores comunistas, entre eles Jorge Amado, seria a da aprovação de uma moção contra o fechamento do PCB e contra a cassação de seus parlamentares. Ao querer priorizar essa moção, alguns dos membros da Associação opuseram-se. A contenda estabelecida revelaria, na verdade, outro conflito que se desenvolvia dentro do partido. A ilegalidade transformara a linha política do partido, nacional e internacionalmente. A Doutrina Truman, exposta em março de 1947, dava início à Guerra Fria e obviamente dividia os intelectuais. A ideia de um partido amplo e reformista era abandonada, e considerada ilusionista, em nome de uma concepção revolucionária. Da mesma forma que se alterava o tipo de organização partidária, constituindo-se uma máquina com forte presença de funcionários-militantes.<sup>39</sup> A esses conflitos, somavam-se ainda o desagrado dos não comunistas frente ao que consideravam uma tentativa de transformação da ABDE em órgão de representação do PCB. Em dezembro de 1947, o jornal oficialista *A Manhã* noticiava que havia sido publicado, em nome da ABDE, um manifesto contra a cassação dos mandatos parlamentares dos comunistas. Segundo afirmava *A Manhã*, esse manifesto não havia sido autorizado pelo presidente da Associação, Guilherme Figueiredo. O incidente levou à renúncia do presidente e do vice. A revista *Literatura* publicou o manifesto demonstrando claramente a tensão entre esse grupo de intelectuais reunidos em torno da ABDE e o posicionamento da revista.<sup>40</sup>

A tensão tem desdobramentos cada vez maiores. Em 1949, as eleições que antecederiam o Congresso desse ano causariam uma séria crise, com o desligamento de diversos membros importantes. A sessão de posse da nova diretoria eleita em 26 de março de 1949 se realizou em 7 de abril desse mesmo ano na sede da Associação Brasileira de Escritores, no Rio de Janeiro e seria relatada em ata por Carlos Drummond de Andrade. Segundo o que nela consta, devido aos tumultos ela não foi lavrada em livro. Estavam presentes o presidente da Associação, Álvaro Lins, o vice,

Luís Jardim, o primeiro secretário, Francisco de Assis Barbosa, o segundo secretário, Dalcídio Jurandir, o tesoureiro, Aline Paim, e os membros do conselho fiscal, Afonso Arinos de Melo Franco, Graciliano Ramos, Osório Borba e Pedro Nava. A leitura da ata se fez com muitas interrupções e apartes contestando a validade dos votos por procuração na eleição de 26 de março. De acordo com Dalcídio Jurandir, só após deliberação em assembleia geral desses votos é que se poderia dar posse aos eleitos da nova diretoria e conselho fiscal. Apesar do tumulto continuado, a posse prossegue e é assim descrita por Carlos Drummond de Andrade:

*O Sr. Álvaro Lins declara textualmente: 'assumo inteira responsabilidade do ato que vou praticar. Declaro empossada a nova diretoria, presidida pelo sr. Afonso Arinos e o novo conselho fiscal.' Apoderando-se do livro de atas, o sr. Dalcídio Jurandir atirou-o sobre a mesa, de modo a fazê-lo cair entre as extremidades desta e o chão, em ponto ocupado pelas pessoas que promoviam a desordem. O 1º secretário empossado, Carlos Drummond de Andrade, conseguiu entretanto apanhar o volume, enquanto alguns assistentes tentavam tomá-lo de suas mãos, pela violência física, sem contudo conseguir tal coisa, pela determinação com que os membros da nova Diretoria enfrentaram os agressores. Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a sessão da qual eu, Carlos Drummond de Andrade lavrei a presente ata, assinada por mim Carlos Drummond de Andrade.<sup>41</sup>*

O racha resultou mais tarde na ruptura da ABDE de São Paulo, enfraquecendo a entidade. Segundo as informações do *Boletim da ABDE* de agosto desse ano, existiam antes das eleições 1.119 sócios. Saíram após a eleição 425, restando 694.<sup>42</sup>

Essas tensões internas não estarão de todo ausentes na revista *Literatura*. Os números 5, 6, 9 e 10 terão seus editoriais dedicados aos congressos da ABDE e ao papel da revista. O confronto aberto em 1949 foi resultado de um processo que teve seu início localizado em 1947 com o retorno do Partido à ilegalidade.

O debate ideológico ficou claro especialmente quando apresentaram as discussões levantadas no II Congresso Brasileiro de Escritores em Belo Horizonte. Nesse momento, a revista assumia uma posição política. O número 6 reproduz documentos do Congresso, assim como artigos de participantes. No número seguinte, retomaram-se os artigos de literatura, porém dando seguimento a matérias sobre o papel do escritor na luta democrática.

No número 8, o artigo de redação foi dedicado à literatura infantil, da mesma forma que continuaram sendo apresentados os poemas de Nicolás Guillén. A revista manteve seu espaço de discussão literária e apresentação de textos literários, porém, na seção "Vozes do mundo" bem como "Documentos", foram publicadas cartas abertas como dos intelectuais soviéticos para os intelectuais da América, notícias e informes de reuniões e protestos como o realizado na ABI do Rio de Janeiro em solidariedade a Pablo Neruda. A notícia do protesto servia para reafirmar os princípios levantados pela revista: "os intelectuais brasileiros, plenamente conscientes dos seus deveres democráticos da defesa da liberdade e da cultura, reafirmam sua ativa vigilância aos ataques nos direitos de livre expressão do pensamento"<sup>43</sup>

No número 9, penúltimo a sair, ficaram claras as dificuldades de dar seguimento à publicação. O editorial trata especialmente do tema, ao aludir

<sup>41</sup> Ata de sessão de posse da Diretoria da Associação Brasileira de Escritores, em 7 abr. 1949 (disponível na Casa de Rui Barbosa)

<sup>42</sup> Ver *Boletim da ABDE*, ago. 1949 (disponível no Arquivo Astrojildo Pereira).

<sup>43</sup> *Literatura*, Rio de Janeiro, ano III, n. 8, 1948, p. 61.

à formação de um grupo de amigos de *Literatura*. A revista foi retomada depois de um tempo de interrupção Lembrou, no editorial assinado pelo Grupo de Amigos de *Literatura*, das dificuldades dos “empreendimentos culturais independentes”. Reclamava para si o espírito crítico que considera “quase desaparecido de nossa cena literária”. Esse número seguiu com artigos de literatura assinados por Nicolás Guillén sobre a morte dos poetas espanhóis Garcia Lorca, Antonio Machado e Miguel Hernandez. Foram publicados ainda estudos sobre a formação de falanstérios no Brasil, sobre o pensamento de Marx, poesia e textos literários de autores menos conhecidos. Dalcídio Jurandir escreve um texto militante curto sobre a dominação dos *trustes* do petróleo no Brasil. Aníbal Machado, por sua vez, produz um texto em torno das obras de Portinari. Seguindo a seção “Os dias e as obras”, Paulo Cavalcanti escreve sobre Eça de Queiroz, além da seção *Revistas Estrangeiras* redactada por Moacyr Werneck de Castro. Na seção “Documentos”, são publicados manifestos e protestos contra a repressão e censura.

O último número da revista tem caráter claramente militante. O editorial volta-se para o Congresso Mundial de Intelectuais em Defesa da Paz, noticiando e reproduzindo o manifesto e apelo aos intelectuais do mundo; em seguida, traz o discurso de Jorge Amado, um dos participantes e representantes do Brasil. Na seção “Vozes do mundo”, também é publicado um manifesto em defesa de Pablo Neruda. Esses textos são seguidos de outros três de caráter mais literário: poesias, um conto e um estudo sobre poesia moderna. A esse estudo, segue outro debate também sobre poesia, porém situado numa discussão entre marxistas e não-marxistas. Escrito por Dalcídio Jurandir, procura comunicar a relação da poesia com as experiências sociais. Algo que esteve na ordem do dia dos partidários do realismo socialista. As palavras finais de Jurandir são claves: “Quero saudar em E. Carrera Guerra, o poeta que, entre os quatro de que falo nesta crônica, mais se aproxima da rua, do comércio, das tarefas diárias da Revolução, da massa [...]”.<sup>44</sup>

## O engajamento intelectual

*Literatura* encerra sua circulação na edição de número 10, muito provavelmente sem que houvesse tal previsão. Nos poucos números, desde sua estreia, costumava anunciar seus projetos bem como falava abertamente das dificuldades e impossibilidades de publicação continuada. Neste último, entretanto, não há nada que permita antever a perspectiva de dar cabo da publicação.

A revista foi levada por um grupo de intelectuais bastante atuante do Rio de Janeiro, todos eles vinculados diretamente à ABDE, onde eram pagos os direitos autorais dos escritores que nela publicavam. Em suas páginas, dará voz, portanto, aos intensos debates realizados na Associação e assumirá uma postura de engajamento contra a censura e perseguições. Era constante o reforço do teor das declarações de princípios dos dois Congressos da ABDE.

Os vínculos desses intelectuais com a Associação bem como com o Partido Comunista não nos permitem, entretanto, asseverar serem a ABDE ou a revista *Literatura* apenas órgãos diretos do PCB. Devemos considerar os conflitos visíveis, especialmente na ABDE, que possibilitam atestar certas discordâncias e possivelmente uma pretendida direção mais autô-

noma com relação ao Partido Comunista. Seu diretor, antigo membro do partido, mantinha sua atuação centralmente como ativista intelectual. Foi assim tanto na Organização do Congresso da ABDE, em 1945, quanto em Belo Horizonte, em 1947. Nos anos de euforia democrática e legalização política, pareciam ser essas atividades culturais secundárias muito bem assumidas por Astrojildo. O recrudescimento da vida política, no entanto, dá relevância a esses dois espaços de atuação dos intelectuais. A revista *Literatura* e a Associação sentirão uma pressão maior no sentido de atuar como representantes oficiosos do Partido.

A repressão desencadeada, a partir de 1947, tornava árdua a sobrevivência e publicação de revistas como *Literatura*. As mudanças operadas nos números finais denunciam uma campanha de perseguições e censura. O último número abre com o editorial sobre o Congresso Mundial de Intelectuais em Defesa da Paz realizado na Polônia em agosto de 1948 com a participação de Jorge Amado. Sua publicação e o conteúdo precisam os contornos da Guerra Fria e o lugar dos intelectuais nessa batalha ideológica. No ano anterior, Andrei Zdanov já havia estabelecido o novo discurso dos partidos comunistas e o papel privilegiado de intervenção do intelectual no embate de doutrinas.<sup>45</sup>

*Artigo recebido em julho de 2015. Aprovado em novembro de 2015.*

<sup>45</sup> ORY, Pascal Ory e SIRINELLI, Jean-François, *op. cit.*, p. 155.